



Guia pessoal e comunitário

DISCERNIMENTO PASTORAL COMUNITÁRIO SSCC

-
- ❖ Discernimento pastoral comunitário
 - ❖ Perguntas para a reflexão pessoal e a partilha comunitário
 - ❖ Guia para a adoração

O DISCERNIMENTO PASTORAL COMUNITÁRIO¹

INTRODUÇÃO

Na carta de promulgação do 39º Capítulo Geral dos Irmãos, Alberto Toutin ssc, Superior Geral, ressaltava a experiência vivida pelos irmãos capitulares na chave do discernimento espiritual:

“O Capítulo Geral foi um tempo de discernimento espiritual que recolheu o sentir e a reflexão dos irmãos depois da releitura das Constituições e da exortação Apostólica do papa Francisco ‘*Evangelii Gaudium*’”.

Estas palavras realçam o sentimento e a reflexão do período capitular que levou a uma atitude de busca da vontade de Deus, do discernimento espiritual. O que sentimos e experimentamos dentro de nós, o que a linguagem espiritual acentua de moções, é a voz do Senhor. Aquilo que nos anima e entusiasma profundamente, como sucedeu no acontecimento capitular. O discernimento se converte num marco de referência. Também reconhecemos que nossas experiências pastorais de irmãs, irmãos e leigos SSCC nas diversas coordenadas geográficas do mundo são voz de Deus.

Do mesmo modo, Patricia Villarroel ssc, Superiora Geral, sintetizava a vivência capitular num tom similar em sua Carta às Irmãs a propósito da promulgação das Decisões do 36º Capítulo Geral do ramo feminino:

“... Nos demos um grande espaço para falar de nossos compromissos apostólicos, dos apelos que escutamos a partir da realidade, de como queremos caminhar com o povo de Deus neste tempo, e servir neste mundo em que vivemos hoje... e experimentamos, como sempre, que isso é o que nos irmana, o que nos faz corpo e nos dá identidade”.

Neste texto Patricia nos convoca à escuta atenta da realidade. Devemos dar um caráter quase-sacramental a este tempo presente, ao hoje, à realidade na qual nos movemos. Ao mesmo tempo, somos conscientes dos dons recebidos depois do discernimento espiritual de ambos os Capítulos Gerais do ano de 2018: a renovação interior e a conversão pastoral e missionária. Recordava-nos também Alberto no citado texto:

“Renovação do homem interior e a conversão pastoral e missionária são dois polos que se requerem e iluminam mutuamente. São a expressão do encontro renovado com Jesus e seu Evangelho. Sua efetividade somente a descobrimos

¹ O presente texto tem como base uma colocação de **Fernando Tapia Miranda**, sacerdote da Arquidiocese de Santiago do Chile, diretor do Departamento de Espiritualidade do Arcebispado de Santiago, que ofereceu aos irmãos da Província do Chile, reunidos em Assembleia, em janeiro de 2020. Aqui procuramos inserir diferentes elementos carismáticos e incluir diversas fontes que conectam com a globalidade da Congregação, assim como de alguns aspectos que não estavam incluídos no mencionado texto.

quando cada um de nós, cada comunidade da Congregação prossegue o caminho de discernimento espiritual iniciado no Capítulo Geral”.

Como família religiosa estamos convencidos de que o discernimento comunitário é um exercício espiritual e pastoral que pertence ao coração de uma Igreja que quer permanecer fiel ao Senhor, através dos diferentes contextos socioculturais que sucedem no tempo.

Pois bem, é indubitável que quanto mais profundas são as mudanças culturais, sociais, políticas e religiosas, mais urgente se torna a necessidade do discernimento comunitário para reorientar a ação pastoral da Igreja. Deste modo se esforça para que o Evangelho não perca nem sua atualidade, nem sua novidade, nem sua força transformadora. Sempre há o perigo de deixar que o "sal perca seu sabor", coisa que nos advertia amplamente o Capítulo Geral dos irmãos em 2012.

Para isso é muito importante ter clareza sobre a realidade que estamos vivendo, os principais desafios que ela nos apresenta e as novas formas de que buscamos ser e servir na Igreja. O papa Francisco, os documentos da Igreja, como os dos Sínodos, apresentam-nos as características da Igreja de que Cristo quer hoje. Neste sentido não podemos deixar de citar novamente a exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, que supõe uma ferramenta insubstituível em todo discernimento pastoral atual. Suas intuições e demandas devem ser tidas em conta. É, sem dúvida, um texto muito útil que não se pode dele desviar.

Para formular algumas acentuações pastorais, que simultaneamente sejam a resposta do Evangelho a esses desafios e nos aproximam às novas formas de ser e de servir na Igreja, necessitamos de um clima de discernimento, com as atitudes e a metodologia que este possui.

Falamos de discernimento porque nem o descobrimento e nem a priorização dos desafios podem ser o resultado de uma simples análise humana. Menos ainda de pressões indevidas, de manipulações ou de imposições de uns grupos sobre outros. Igualmente não podem ser o resultado de uma obediência cega, preguiçosa e irrefletida. Deve ser, indubitavelmente, o fruto de um discernimento comunitário, crente e pastoral.

Desenvolveremos, em seguida, as duas grandes dimensões do discernimento comunitário:

- a) A dimensão contemplativa.
- b) A dimensão pastoral.

Quer dizer, trata-se de ver, primeiro, o que Deus está fazendo no mundo e na Igreja, hoje e aqui (dimensão contemplativa) e, em seguida, o que nós devemos fazer, de tal modo que nossa ação pastoral seja efetivamente colaboração, cooperação, à ação de Deus (dimensão pastoral).

A DIMENSÃO CONTEMPLATIVA DO DISCERNIMENTO

1. Fundamento de fé

O discernimento tem um fundamento de fé: Deus está presente e agindo no mundo pelo seu Espírito e nos chama a colaborar com sua obra. "No meio de vós há Um a quem vós não conheceis e a quem eu não mereço desamarar a correia de sua sandália" (Jo 1, 26-27), dizia João Batista aos enviados dos fariseus referindo-se a Cristo. E por isso, nosso desafio como pessoas de fé é, nas palavras de santo Inácio de Loyola, "encontrar a Deus em todas as coisas". O Senhor continuamente nos dá sinais de sua presença e nós a vezes as percebemos e outras vezes não. Também o mal e o pecado estão presentes no nosso mundo e podemos captar os sinais de sua presença e de sua ação (cf. Const., art. 4). Ambos tipos de sinais se dão misturados, como o trigo e a cizânia da parábola, e por isso é necessário um discernimento para descobrir o que é de Deus no nosso mundo e o que não é de Deus. Por isso a recomendação de São Paulo aos Tessalonicenses: "Não apaguem o fogo do Espírito, não desprezem a profecia, examinem tudo e fiquem com o que é bom, evitem toda forma de mal" (1Ts 5, 19-22).

A ação do Espírito de Deus no mundo é sempre salvadora: encaminha-se para o surgimento de um mundo mais humano. Por isso, se a Igreja quer colaborar com esta salvação que o Senhor nos traz deve - segundo o Concílio - "examinar a fundo os sinais dos tempos e Interpretá-los à luz do Evangelho. É oportuno, por conseguinte, que se conheça e entenda o mundo em que vivemos e suas esperanças, suas aspirações, seu modo de ser, frequentemente dramático"².

¿E o que se entende por "Sinais dos tempos"?

Segundo o Padre Chenu, grande inspirador da Constituição Conciliar *Gaudium et Spes*, são "aqueles fenómenos que por sua generalização e por sua frequência caracterizam uma época, e através dos quais se expressam as necessidades e as aspirações da humanidade"³.

Na Exortação Apostólica *Evangelli Gaudium* aparece várias vezes o termo "sinais dos tempos", onde conectando com o magistério anterior (EG 14), nos advertem de uma necessária vigilância para estudá-los, assim como a responsabilidade e as consequências que podem ocasionar:

"Não é função do Papa oferecer uma análise detalhada e completa sobre a realidade contemporânea, mas alento a todas as comunidades a uma 'sempre vigilante capacidade de estudar os sinais dos tempos'. Trata-se de uma

² Concílio Vaticano II, Constituição *Gaudium et Spes*, n. 4.

³ Cf. Chenu M. D., *Os Sinais dos tempos*, em AA.VV., *A Igreja no mundo de hoje*, Taurus, Madrid 1979, pp. 253-278.

responsabilidade grave, já que algumas realidades do presente, se não são bem resolvidas, podem desencadear processos de desumanização difíceis de reverter mais adiante”⁴.

Em diferentes ocasiões, além disso, o papa Francisco pediu ao Espírito Santo “que atue em nós para que, tanto pessoal como comunitariamente, possamos adquirir o hábito do discernimento” e “que nos faça ver sempre a unidade da história da salvação através dos sinais da passagem de Deus em nosso tempo e nos rostos dos que nos rodeiam (...)”⁵.

2. Critérios do discernimento

Que critérios podemos utilizar para perceber se tais ou outros fatos, situações, correntes culturais, etc., provêm de Deus ou não? Sem dúvida, os critérios fundamentais estão na Sagrada Escritura, particularmente nos Evangelhos. Também os encontramos claramente na trajetória dos nossos Fundadores⁶: conhecedores da insondável profundidade do amor de Deus manifestado nos Corações de Jesus e de Maria, colaboradores e zeladores da Obra de Deus, participantes no Amor reparador de Cristo, como uma família de irmãos-irmãs-leigos e peregrinos alegres em direção à pátria definitiva.

Antes de referirmos a estes critérios, nos detemos em um daqueles que assinala São Paulo VI na *Populorum Progressio* (nn. 20 e 21) e que é retomado pelos bispos latino-americanos na Conferência de Medellín, à luz do fato fundante do povo de Israel, o Êxodo, eles assinalam: “Assim como outrora Israel, o primeiro povo, experimentava a presença salvífica de Deus quando o libertava da opressão do Egito, quando o fazia passar o mar e o conduzia à terra da promessa, assim também nós, novo Povo de Deus, não podemos deixar de sentir sua passagem que salva, quando se dá o verdadeiro desenvolvimento, que é a passagem, para cada um e para todos, de condições de Vida menos humanas, para condições mais humanas”⁷.

O Evangelho e a ação de Jesus reafirmam este critério e lhe dão seu estatuto definitivo, já que os critérios com os quais age Jesus são aqueles com os quais Deus age no mundo, porque Ele é a revelação definitiva do Pai. Jesus mesmo nos dá a pista chave para descobrirmos na resposta que envia a João o Batista que estava encarcerado e duvidando se Jesus era ou não o esperado dos séculos: “És tu o que há de vir ou devemos esperar a outro?” (Lc 7, 20).

Nesse momento Jesus curava as pessoas afligidas de enfermidades, de mal estar, de espíritos malignos e devolvia à vista a alguns cegos. Jesus, pois, respondeu aos mensageiros: “Vão contar a João o que vocês viram e ouviram: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e se anuncia a Boa Nova aos pobres” (Lc 7, 20-22).

⁴ Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, 51.

⁵ Por exemplo, na Audiência Geral de 19 de setembro de 2019.

⁶ Cfr. Toutin A., *Discernimento apostólico SSCC. Disponíveis para a ação de Deus*, Estudos Picpucianos 11, Roma 2021.

⁷ Conferência de Medellín, Introdução, n. 6.

Isto é, os sinais de vida revelam a atuação do Deus da vida e são a melhor proclamação do Evangelho da vida. Cada vez que um homem, uma mulher ou um grupo humano é curado física, psicológica, moral ou espiritualmente, aí está Cristo Ressuscitado, plenitude de vida, dando vida e salvação. E, pelo contrário, cada vez que uma pessoa ou um grupo de pessoas é diminuído, destruído, enganado, explorado ou abusado, aí está a ação do mal porque, disse Jesus, o diabo é "homicida desde o princípio e pai de toda mentira" (Jo 8, 44).

Pois bem, para evitar qualquer subjetivismo ou leitura interessada dos sinais dos tempos, a Igreja nos oferece sua Tradição e seu Magistério. Esta é a interpretação autêntica da Palavra de Deus, sobretudo quando é exercida colegialmente, como foi "o tom novo, desconhecido antes" do Concílio Vaticano II, segundo João Paulo na *Tertio Millennio Adveniente*⁸. Eis o ponto de referência obrigatório para interpretar a Palavra de Deus e fazer um discernimento correto. É por isso providencial que nossos processos de planificação pastoral se situem no presente contexto eclesial que procura, animado pelo papa Francisco, recuperar o entusiasmo, a síntese doutrinal, o estilo eclesial e as riquíssimas orientações pastorais que emanaram do Concílio Vaticano II.

Finalmente, o testemunho dos santos e santas, são um critério permanente para descobrir a presença, os caminhos e a vontade de Deus. Assim como o de irmãos e irmãs que contemporaneamente tentam descobrir respostas iluminadoras para o nosso hoje, com valentia, animados pelo Espírito. O 39º Capítulo Geral dos Irmãos nos falava de ícones que alimentam nossa consagração e nossa missão. Estes ícones nos convidam a voltar o olhar para Jesus através destas figuras de santidades que temos em nossa família:

“Desde as origens da Congregação até os nossos dias, houve irmãos e irmãs que, por sua maneira de encarnar o carisma e a missão da Congregação, se tornaram ícones que alimentam nossa consagração e nossa missão como religiosos dos Sagrados Corações. Assim, temos os nossos Fundadores: o Bom Pai e a Boa Mãe; os nossos irmãos cuja santidade foi reconhecida pela Igreja: São Damião de Veuster, Beato Eustáquio e Beatos Mártires da Espanha; e outros irmãos cujo processo de beatificação já foi iniciado: as vítimas da Comunidade de Paris e Esteban Gumucio”⁹.

3. O discernimento como dom de Deus

No entanto, é necessário ter presente que o discernimento é, antes de tudo, um dom de Deus. Esta capacidade de descobrir e distinguir tanto a presença de Deus como a presença do mal e do pecado, é parte do carisma profético da Igreja. É um dom do Espírito Santo que Jesus prometeu a seu povo e que é necessário pedir com insistência sobretudo nos processos de renovação eclesial, porque as vezes não é tão fácil distinguir ambas realidades. Já no Antigo Testamento Salomão, apesar de toda sua sabedoria, implorava humildemente este dom: "Conceda, então, a teu Servo um coração que saiba julgar a teu povo, para discernir entre o bem e o mal" (1Rs 9). Sua longa oração do cap. 9 do livro da Sabedoria situa-se nessa mesma linha.

⁸ João Paulo II, Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente*, novembro de 1994.

⁹ Documento *Patrimônio Espiritual e Histórico Sagrados Corações*, n. 5.

Há muitos fatores que nos dificultam descobrir e distinguir os sinais de vida e os sinais de morte. Nosso olhar as vezes está obscurecido pelo nosso próprio pecado pessoal e social, pelos nossos preconceitos, nossas ideologias políticas, nossas sensibilidades culturais, nossos interesses próprios ou de grupo ou, simplesmente, pela nossa desinformação, pela nossa falta de conhecimento da realidade.

Não há exemplo mais claro desta dificuldade para ver a Deus do que a cegueira dos fariseus. Estavam tão bloqueados por sua rigidez religiosa que nunca descobriram em Cristo o Libertador que Deus lhes enviava. Ao contrário, atacaram-no duramente até leva-lo à Cruz. Por isso Jesus os chama "cegos e guias de cegos". Se queremos fazer, pois, um discernimento de fé temos que pedir ao Senhor, em primeiro lugar, como o cego do Evangelho, a graça de ver. À pergunta de Jesus: "O que queres que faça por ti?". Bartimeu responde: "Mestre, que eu veja" (Mc 10, 51). E diz o Evangelho que, na mesma hora, viu e começou a caminhar com Jesus.

Como discernir os espíritos?

Uma das cartas católicas, exorta a examinar os espíritos para comprovar se são ou não de Deus (1Jo 4, 1-3). O mesmo São Paulo aconselhava aos tessalonicenses: "Pois bem, examinai tudo e guardai o que for bom" (1Tes 5, 21). À medida que Deus manifesta seu poder, o espírito mal fará todo o possível para destruir a obra de Deus, de modo que se faz imprescindível o discernimento, unido ao ensinamento das Sagradas Escrituras. O apóstolo Paulo em 1Cor 12,10 põe de modo claro que o discernimento de espíritos é um dom (uma qualidade pessoal que outra pessoa não tem). Pois bem, deve-se estar muito atento ao espírito que move a realizar alguma ação ou tomar alguma determinação visto que o mal espírito enganará inclusive aos escolhidos (Mc 13, 22). O espírito humano é frágil e pode cair em confusão sobre o que o Espírito do Senhor vai colocando em movimento na pessoa e pode provocar falsas profecias.

No Novo Testamento se estabelece uma clara distinção entre o espírito do homem e o Espírito de Deus, visto que é o Espírito Santo quem se vale do espírito humano como instrumento para realizar a vontade de Deus. Porém, como discernir os espíritos? Na primeira epístola de João há mais instruções com respeito aos espíritos malignos e à forma com que podem ser identificados (1Jo 4,1-4.). Ele declara que é de Deus todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio na carne. Quanto ao próprio processo do discernimento, há um perigo: assumir como vontade de Deus aquilo que não necessariamente o é. É importante saber que aquilo que não dá bons frutos não se pode aceitar como algo vindo de Deus (cf. Mc 11,14; Mt 3,10; 21,43; Lc 13,6-9 e Jo 15,6).

Nas relações, projetos e compromissos nos quais aparecem estes frutos é fácil encontrar a vontade de Deus; onde predominam rupturas, interesses, partidarismos e injustiças, não se pode discernir a vontade de Deus (cf. 1Cor 13,3).

Por tudo isso é necessário e toda pessoa deve buscar em cada momento e situação o que agrada a Deus (cf. Rom 12,2; 2Cor 5,9; Ef 5,10; Fl 4,18; Col 3,20; Tt 2,9). E para conseguir isso, o ser humano deve dispor de todos os meios para descobrir o que é a vontade de Deus e assim poder fazer uma opção de vida sem temor a enganar-se (bom discernimento).

Esta condição é ainda mais importante para o discernimento vocacional, pois a vocação cristã supõe um estilo de vida evangélico, estruturado a partir da conversão do coração, a referência eclesial e o trabalho pelo Reino. Na medida em que a pessoa de fé vai entrando em comunhão de vida com a pessoa de Jesus Cristo e vai tendo os mesmos sentimentos dele, vai crescendo no amor a Deus e ao próximo. Cada pessoa discerne a partir dos valores que vive cotidianamente; por isso mesmo, só quem vive a experiência do amor evangélico pode discernir adequadamente o que agrada a Deus (cf. Ef 5,10), o melhor (cf. Fl 1,9-10; 1Tes 5,21-22; Hb 5,14) e o que é vontade de Deus (cf. Rom 12,2).

Por tudo isso o discernimento, compreende a ação humana como uma resposta ao convite divino, resultado de uma busca da vontade de Deus a partir da liberdade.

4. Condições do discernimento

Para fazer discernimento é necessário portanto, em primeiro lugar, intensificar a vida de oração: que O Senhor tire de nossos olhos tudo o que nos impede de vê-lo. Sem um olhar convertido não há nada que fazer. O primeiro é o reconhecimento do pecado, só depois a pessoa está na situação de discernir. O discernimento é a intuição de um coração convertido. Requer ler, meditar, e contemplar muito mais as cenas do Evangelho para familiarizar-nos com os critérios de Jesus e aumentar, assim, nossa sensibilidade espiritual. Não é por casualidade que, nos Exercícios Espirituais de trinta dias, Santo Inácio coloca a eleição no final da segunda semana, depois de ter contemplado por vários dias os mistérios da vida de Cristo. É necessário também conhecer melhor o magistério da Igreja que interpreta autenticamente a Sagrada Escritura.

Igualmente, requer-se uma vida verdadeiramente comunitária para ajudar-nos mutuamente a ver. Trata-se de fazer o discernimento comunitário para descobrir a presença, a ação, as vozes e apelos que o Senhor está fazendo a nós a partir da nossa realidade cotidiana. Isso implica desenvolver em todos nós uma grande capacidade de escuta e uma grande liberdade interior que só o Espírito Santo nos pode doar. Discernir “os caminhos do Espírito” é um convite que Francisco realiza continuamente:

“O compromisso evangelizador se move por entre as limitações da linguagem e das circunstâncias. Procura comunicar cada vez melhor a verdade do Evangelho num contexto determinado, sem renunciar à verdade, ao bem e à luz que pode contribuir quando a perfeição não é possível. Um coração missionário está consciente destas limitações fazendo-se ‘fraco com os fracos [...] e tudo para todos’ (1 Cor 9,22). Nunca se fecha, nunca se refugia nas próprias seguranças, nunca opta pela rigidez auto defensiva. Sabe que ele mesmo deve crescer na

compreensão do Evangelho e no discernimento das sendas do Espírito, e assim não renuncia ao bem possível, ainda que corra o risco de sujar-se com a lama da estrada”¹⁰.

Descobertas tanto a presença e a ação de Deus, como a presença e a ação do pecado, é mais fácil perceber o que o Senhor quer que nós façamos, tanto para colaborar com Ele como para combater o mal. Nossa ação pastoral deve ter sempre este primeiro momento contemplativo, de tal modo que o que nós fazemos como Igreja fortifique o que o Bom Pastor Ressuscitado já está fazendo no coração das pessoas, das famílias e das sociedades e combata o que profeticamente descobrimos como presença do mal. Tendo chegado a este ponto, nós percebemos que realizamos diversos labores pastorais que são bons, mas, qual convém dar prioridade? Esta é uma questão que deve acompanhar nosso discernimento e tomada de decisões.

Como Darío Mollá poderíamos perguntar-nos: quais são os critérios básicos, os critérios de fundo, que fazem “evangélicas” as decisões que são tomadas? Para isso quatro são decisivos:

- 1) *A pessoa de Jesus*: no exercício de contemplação, no contato pessoal com o seu modo de ser, de falar, de fazer, Ele vai nos contagiando com seus critérios por uma transformação afetiva e a partir daí podemos dar as mesmas respostas de Jesus. Discernir bem é no fundo decidir o que Jesus decidiria; por isso a pergunta essencial é: o que Jesus faria neste caso?
- 2) *A comunhão com a Igreja*: que liberta o discernimento de toda forma de soberba e prepotência e que ajuda a ponderar tomando a comunhão como bem maior do que a prevalência da própria opinião.
- 3) *A fidelidade ao carisma próprio* que mantendo-se em suas intuições deve ser atualizado.
- 4) *A autoridade dos que sofrem*: para despertar-nos de nosso narcisismo e nosso mundo autorreferencial e abrir os olhos e o coração ao sofrimento do outro ser humano¹¹.

¹⁰ *Evangelii Gaudium*, 45.

¹¹ Cf. Mollá D., *Discernimento: concretar o amor. Discernimento e governo de pessoas na vida consagrada*, Frontera Hegian, Vitoria-Gasteiz 2017, pp. 37-41.

A DIMENSÃO PASTORAL DO DISCERNIMENTO

1. O discernimento como busca da vontade de Deus

Na primeira parte víamos que o primeiro passo em todo discernimento é descobrir a presença e a ação de Deus na nossa vida de todos os dias, tanto a nível pessoal, comunitário ou como coletivo. O que nos motiva a fazer este discernimento é o desejo de colaborar na obra salvadora de Deus, naquilo que Ele já está fazendo no meio de nós em vista de dar-nos vida e vida em abundância, que salta até a eternidade.

A Igreja, como família dos filhos e filhas de Deus, constantemente deve perguntar-se sobre o que está fazendo, pastoralmente falando, e a maneira com que o faz, se é o que Deus quer dela. Isso é próprio de um filho ou de uma filha de Deus, tal como vemos em Jesus e na Virgem Maria. Com efeito, a Carta aos Hebreus coloca na boca de Cristo, ao entrar neste mundo, as seguintes palavras: "Eis-me aqui, venho fazer, ó Deus, tua vontade" (Hb 10,5.7). E a palavra final de Maria, perante o anúncio de sua maternidade divina, é: "Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua Palavra" (Lc 1,38).

Buscar e fazer a vontade de Deus é o caminho concreto para que a Igreja e a Congregação cresçam na sua fidelidade ao Senhor e não se deixam seduzir por outros "senhores" (busca de poder, de prestígio, de vida fácil e cômoda, etc.). Por isso, são Paulo diz aos romanos: "Não sigam a corrente do mundo em que vivemos, mas ao contrário transformem-se pela renovação de vossa mentalidade. Assim saberão ver qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que lhe agrada, o que é perfeito" (Rm 12, 2).

Nem sempre é fácil descobrir o querer de Deus, salvo o caso em que nos encontremos diante de uma alternativa na qual algo é claramente bom ou mal. Nestes casos não podemos falar de discernimento. Por exemplo, diante do aborto, é claríssimo que não deve ser praticado e que essa seja a vontade de Deus. O discernimento é necessário quando temos que escolher entre dois caminhos que são bons. Por exemplo, um jovem e uma jovem que procuram reconhecer se Deus lhes pede formar uma família ou consagrar-se a Ele na vida religiosa. Aqui requer um discernimento da vontade de Deus. Nas decisões do 36º Capítulo Geral das Irmãs, são colocados vários exemplos concretos de discernimento. Escolhemos um do âmbito da inserção e dos projetos sociais: "Discernir as necessidades às quais podemos responder e colaborar, ao menos num Projeto social, em cada Território".

Também uma comunidade de Igreja, quando quer pensar seu futuro, encontra-se diante de várias possibilidades. Um grande teólogo escreveu décadas atrás o seguinte: "A vontade de Deus não se impõe ao coração humano sempre sob a forma de uma única possibilidade, clara como a luz do sol e idêntica ao pensamento próprio da pessoa, mesmo a melhor intencionada. Essa vontade de Deus pode estar dissimulada sob múltiplas possibilidades; não constitui algo

estabelecido de uma vez por todas, é diferente em cada situação diversa e é preciso discernir cada dia de novo qual é a vontade de Deus. Cada manhã nos sobrevém a pergunta: “Como devo estar aqui, nesta situação presente, nesta vida nova, com Deus e com Jesus Cristo?”¹².

Oxalá tenhamos a coragem, relendo e tornando vida a exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, de discernir objetivos, estruturas, estilo e métodos de evangelização. Em cada nível eclesial, o discernimento deve revisar tudo para ver o que pede o Espírito Santo. Assim nos diz o papa Francisco: “A pastoral em chave missionária exige o abandono deste cômodo critério pastoral: ‘fez-se sempre assim’. Convido a todos a ser ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades. Uma identificação dos fins, sem uma condigna busca comunitária dos meios para alcançá-los está condenada a traduzir-se em mera fantasia. A todos exorto a aplicarem com generosidade e coragem as orientações deste documento, sem impedimentos nem receios. Importante é não caminhar sozinho, mas ter sempre em conta os irmãos e, de modo especial, a guia dos bispos num discernimento pastoral sábio e realista” (EG 33).

2. Atitudes básicas para o discernimento

Como então descobrir comunitariamente o que Deus quer para sua Igreja?

Indubitavelmente o primeiro é intensificar o clima de oração para que o Espírito do Senhor nos purifique e nos dê uma grande liberdade interior e uma verdadeira disponibilidade àquilo que Ele quer de nós. Isto não é fácil porque nós naturalmente nos apegamos afetivamente ao que fazemos e nos custa muito tomar distância, ser críticos com nosso trabalho pastoral ou deixar que outros o critiquem. Nós nos defendemos imediatamente e muitas vezes buscamos justificar a todo custo o que fazemos.

Este apego desordenado a nossas ideias, projetos ou trabalhos pastorais dificulta o discernimento e nos mantém num grande individualismo pastoral.

Também dificulta o discernimento, a falta de confiança mútua no interior da Comunidade da Igreja, a incapacidade ou a negativa para comunicar o que realmente sentimos ou pensamos, ou a falta de canais para fazê-lo, a intolerância, os preconceitos, o ativismo, a sobrecarga de trabalho e o medo da mudança.

Necessitamos, pois, que o Espírito Santo nos purifique de tudo isto e nos doe as atitudes espirituais que tornam possível um diálogo aberto e franco encaminhado para discernir a vontade de Deus.

¹² Bonhoeffer D., *Ética*, Génève 1965, p. 21.

Igualmente, junto à oração e à vida comunitária, para um discernimento apostólico são muito adequadas as condições que se apresentam no *serviço da autoridade e da obediência*¹³, entorno do papel da autoridade no crescimento da fraternidade (n. 20) e a obediência na vida fraterna (n. 25).

3. Método do discernimento

Supostas as atitudes básicas do discernimento, é necessário um método preciso para leva-lo a cabo, de tal modo que não chamemos discernimento a qualquer tipo de reflexão pastoral. Não há um só método, pois isto depende tanto do objetivo específico do discernimento, como da matéria de que se trata. Sem dúvida, há alguns elementos que necessariamente devem estar presentes:

- * **Oração:** é o clima no qual deve acontecer todo o processo de discernimento. Em algum momento será de petição, em outro de ação de graças e noutro de silêncio profundo que procura captar as moções interiores.
- * **Informação:** se necessita ter suficiente informação sobre a matéria que se quer discernir porque há assuntos que são muito complexos.
- * **Argumentação:** é necessário iniciar, em seguida, um intercambio sobre as razões a favor e contra as diferentes alternativas de ação propostas. Num primeiro momento não há debate, mas escuta mútua, procurando entender o que o outro lhe diz e porque o diz.
- * **Sensibilidade interior** para captar para onde eu vou. Sentindo inclinado, atraído, diante do que "arde" meu coração, ou diante do que se rebela. Sentir as "moções" interiores e descobrir se vêm do bom espírito ou do mal espírito como nós víamos mais acima.
- * Se o processo está bem feito, normalmente se chega a um **consenso** porque é o mesmo Espírito o que está soprando em todos os agentes evangelizadores. Se as opiniões estão muito divididas, não se podem tomar decisões, mas é necessário esperar um tempo para que elas amadureçam, rezar mais para melhorar a capacidade de escuta mútua e do entendimento do problema, pedir com maior insistência as luzes do Espírito e ter mais informação.
- * **Tomada de decisões:** o discernimento vai orientado à ação pastoral, a fazer a vontade de Deus. Portanto, tem que culminar com uma decisão.

4. A Confirmação

Uma vez tomada uma decisão podemos experimentar diferentes sentimentos que nos confirmam a decisão tomada ou que a questionam. São como sinais que Deus nos envia.

¹³ Este documento da CIVCSVA, de 11 de maio de 2008, se pode ler com proveito:

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/rc_con_ccsclife_doc_20080511_autorita-obbedienza_sp.html

Sinal de estar em sintonia com o Senhor ou de haver encontrado a vontade de Deus é de sentir paz, tranquilidade interior, gozo, valor, entusiasmo, luz, contentamento consigo mesmo, serenidade, certeza, aumento de fé, de esperança e de amor. Santo Inácio as chama "consolações".

Sinal de que a opinião dada ou a proposta feita ou a decisão tomada não está conforme com a vontade de Deus, é sentir intranquilidade, ansiedade, resistência interior, desagrado, medo, confusão, frustração, culpa, raiva, vazio, desilusão, inquietude, diminuição de fé, da esperança e do amor. Santo Inácio as resume na palavra "desolação".

Este ponto pode ser uma grande novidade para nós, já que não estamos acostumados a introduzir nossos sentimentos ou nossas "moções interiores" como diria santo Inácio, nos processos de tomada de decisões tanto a nível pessoal como coletivo. Ao contrário temos desconfiança diante deles e tendemos a privilegiar a razão.

No entanto, sabemos que o que move ou paralisa a um ser humano são os afetos. Se prestamos atenção a nosso mundo interior, os sentimentos e as emoções estão aí. A realidade não nos deixa indiferentes. A decisões que tomamos igualmente. Os processos de discernimento nos convidam a ser conscientes daquilo que sentimos e valorizá-lo como um lugar, um modo, através do qual Deus nos quer fazer ver sua presença ou sua ausência, sua vontade ou o seu desagrado. Necessitamos exercitar-nos nisso e melhorar o que poderíamos chamar nossa sensibilidade espiritual.

5. O discernimento pastoral dentro do processo de Pastoral Planificada

Uma vez descobertos e priorizados, num clima de discernimento, os desafios que se apresentam ao nosso labor pastoral, faz-se necessário formular as linhas de ação pastoral para os próximos anos e confeccionar um plano pastoral. Este trabalho também é feito com as atitudes e o método próprio do discernimento pastoral.

Desejamos que o discernimento nos leve à "conversão pastoral" para uma saída missionária apaixonada e renovada:

“Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem, e toda estrutura eclesial se torne um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual do que à autopreservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de ‘saída’ e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade”¹⁴.

¹⁴ *Evangelii Gaudium*, 27.

CONCLUSÕES

1. Ao escolher o discernimento comunitário como o instrumento principal para exercer a participação e a corresponsabilidade, estamos introduzindo em nossa vida pastoral um elemento chave para melhorar a qualidade evangélica e evangelizadora de nossa vida cristã. É um elemento que deveria permanecer para sempre em nosso modo de fazer pastoral porque nos permite reconhecer, na prática diária, o Senhorio de Cristo sobre o mundo e sobre a Igreja.
2. Permite-nos, além disso, construir a unidade da Igreja e gerar comunhão eclesial em torno à busca orante de sua vontade, que as vezes se encontrará facilmente e outras vezes de maneira árdua e inclusive dolorosamente.
3. Por isso, o discernimento comunitário exige de nós melhorar o nível de nossa vida espiritual a fim de crescer naquilo que São João Pablo II chama "uma particular sensibilidade a tudo o que o Espírito diz à Igreja e às Igrejas (Ap 2,7ss)" (*Tertio Millennio Adveniente*, n. 23), especialmente neste tempo de purificação e renovação eclesial.
4. Este crescimento não é espontâneo: deve-se trabalhá-lo. O discernimento é um exercício: deve-se treinar nele para adquirir a destreza espiritual que requer. O discernir aprende-se fazendo discernimento, assim como orar se aprende orando. Aqui os agentes pastorais em geral, temos um grande chamado a ser "mestres do espírito".
5. Finalmente, não devemos esquecer que o discernimento gera sempre uma dinâmica de renovação da Igreja, visto que cria as condições para que o Espírito, com menos obstáculos da nossa parte, conduza a Igreja para onde Ele quer leva-la. Diz a Constituição *Lumen Gentium* que o Espírito "faz rejuvenescer a Igreja, renova-a constantemente e a conduz à união consumada com seu Esposo" (n. 4). Devemos, pois, estar preparados para buscar e percorrer novos caminhos de evangelização, crescendo na liberdade interior e na disponibilidade que todo autêntico processo de discernimento requer.

PERGUNTAS

para a reflexão pessoal e a partilha comunitária

Depois da leitura de “O discernimento pastoral comunitário” proporemos um tempo tranquilo de reunião comunitária, em chave de confiança e de querer partilhar as perguntas que nos são propostas. Talvez antes podemos reagir ao texto precedente. Em seguida, podemos responder a estas questões. Talvez não dá tempo para tudo ou queiramos escolher alguma em concreto. O importante é convencer-nos uns aos outros da importância de aplicar o discernimento comunitário em nossa prática pastoral.

1. Onde reconhecemos hoje Jesus caminhando conosco? Que caminhos novos nos propõe?
2. Para assimilar constantemente a vontade de Deus é necessário, como condição indispensável e permanente, despojar-se de tudo o que é “desordenado”, quer dizer, chegar à completa “indiferença interior” e estar sempre alerta para escutar a voz de Deus. Por isso, não é possível o discernimento sem uma conversão, “uma conversão contínua” que diria Pat Bradley scc. Como nós nos ajudamos comunitariamente nesta mudança do coração e da mente?
3. Há em nós um desejo de uma profunda renovação interior? Quais são os meios que empregamos para reavivar nossa vida espiritual?
4. Quais são as nossas experiências em torno do discernimento pastoral comunitário? Existe alguma em concreto a nível local ou de Comunidade Maior na qual temos visto luz para seguir adiante?
5. Você está de acordo com os elementos que compõem o método do discernimento? Sentimos falta de algum elemento?
6. Estamos dispostos e preparados para buscar e percorrer novos caminhos de evangelização? Que sentimos falta em nossa *práxis* atual e que nos pode motivar nesta busca?

ADORAÇÃO

MOTIVAÇÃO

Fazer nossa adoração com o tema do discernimento pastoral comunitário nos convida a fazer silêncio, a abrir o coração e pedir o dom do Espírito para ver a passagem de Deus em nosso mundo, na Congregação, em nossos irmãos, irmãs e leigos e ir vislumbrando o seu projeto de amor. Peçamos ao Espírito Santo que venha a nós.

ORAÇÃO AO ESPÍRITO

Espírito Santo, Criador, no começo pairava sobre as águas:
Vem a nós, Espírito Santo!

Espírito Santo, Cristo nos prometeu que tu estarás sempre conosco e em nós.
Vem a nós, Espírito Santo!

Espírito Santo, Tu desceste sobre os apóstolos para reuni-los numa comunhão nova, a Igreja.
Vem a nós, Espírito Santo!

Espírito Santo, Consolador, por ti nascemos à vida de filhos de Deus.
Vem a nós, Espírito Santo!

Espírito Santo, Tu fazes de nós um sinal vivo da presença de Deus.
Vem a nós, Espírito Santo!

Espírito Santo, Tu rezas dentro de nós.
Vem a nós, Espírito Santo!

SILÊNCIO

OUÇAMOS A PALAVRA DE DEUS

"Quem, na realidade, poderia conhecer a vontade do Senhor? Quem se apaixonará por aquilo que deseja o Senhor? A razão humana avança timidamente, nossas reflexões não são seguras, porque um corpo perecível pesa enormemente sobre a alma, e a nossa casca de argila paralisa o espírito que está sempre em vigília. Se nos custa conhecer as coisas terrestres, e descobrir o que está ao alcance da mão, então quem poderá compreender a vontade do teu amor celestial? E quem poderá conhecer tuas intenções, se não lhe deste primeiro a Sabedoria, ou não lhe enviaste do alto o teu Espírito Santo?" (Sb 9,13-18).

SALMO 33

Aclamemos a grandeza do Senhor com este Salmo, com a certeza de que "o plano do Senhor subsiste para sempre, os projetos do vosso coração, de idade em idade".

Ant.: *"Quão insondáveis são as vossas decisões e quão incompreensíveis os vossos caminhos!"*
(Rm 11,33).

Aclamai, oh justos ao Senhor,
que merece o louvor dos bons.

Dai graças ao Senhor com a cítara,
tocai em sua honra a harpa de dez cordas;
cantai-lhe um cântico novo,
acompanhando os vencedores com ovação.

Pois palavra do Senhor é sincera,
e todas as suas ações são leais;
ele ama a justiça e o direito, e
sua misericórdia enche a terra.

A palavra do Senhor fez o céu; o
sopro de sua boca, seus exércitos;
encerra num odre as águas do mar,
coloca num reservatório o oceano.

O Senhor desfaz os planos das nações,
frustra os projetos dos povos; porém o
plano do Senhor subsiste para sempre, os
projetos de seu coração, de idade em idade.

Feliz a nação cujo Deus é o Senhor,
O povo que escolheu para si como
herança;
Ele modelou cada coração,
e compreende todas as suas ações.

De sua morada o Senhor observa seus fiéis,
nos que esperam em sua misericórdia,
para livrar suas vidas da morte
e reanimá-los no tempo da fome.

Nós aguardamos no Senhor, ele
é nosso auxílio e nosso escudo.
Nele se alegra o nosso coração,
no seu nome santo confiamos.

Que tua misericórdia, Senhor, esteja sobre nós,
como em ti está a nossa esperança.

ANT: *"Quão insondáveis são as vossas decisões e quão incompreensíveis os vossos caminhos!"*
(Rm 11,33).



SILÊNCIO

All: *Listen the voice of your God is calling
Listen with the ear of your heart
The Voice of your God is calling.*
https://youtu.be/R_tkOKokgJE

Todos: *Escuta a voz do teu Deus, está chamando;
escuta com o ouvido do teu coração,
a voz de teu Deus está chamando*

REFLEXÃO (Benjamín González Buelta sj)

Deus acampou entre nós, para caminhar a nosso lado, Ele não nos dá um roteiro com tudo organizado. Convida-nos a ir com Ele e, e ao acompanhar-nos mutuamente, vamos descobrindo as etapas seguintes que sempre têm uma dimensão de surpresa, porém Ele chega sempre, é fiel, por isso nos obriga a estar vigilantes, atentos para distinguir seu apelo de outros apelos. Ele entra por todas as frestas, porém respeitando nossa liberdade.

A partir da nova mentalidade do Evangelho é possível distinguir o que é da vontade de Deus para entregar-nos a ela. Cada um se entrega conforme o dom recebido de Deus. Temos que discernir o caminho que Deus propõe a cada um, dentro de uma comunidade que busca encarnar no mundo, a presença sempre nova de Jesus.

Todos: *Escuta a voz do teu Deus, está chamando; ...*

O discernimento supõe um olhar contemplativo que respeita a realidade como é, sem idealizá-la nem demonizá-la. É a fidelidade à realidade do mundo onde o Filho se manifesta.

Os profetas olham a realidade como é: "Eu vi, ouvi e desci". (Ex 3,7s). Também Jesus olha a realidade como é, descobrindo um povo das bem-aventuranças: (Mt 5, 2-12).

Ele sempre olha a profundidade onde se movem as possibilidades de vida nova e de futuro. Existe um lugar privilegiado de onde observar: os pobres, as periferias existenciais onde parece que não pode haver nenhum futuro... Deve-se contemplar a partir daí com o olhar salvador de Jesus. Toda a realidade pode-se converter para nós num santuário onde Deus atualmente vive, trabalha e se nos revela de forma inesperada.

Todos: *Escuta a voz do teu Deus, está chamando; ...*

Da vinculação de nossa pessoa a Jesus, depende qualidade de nossos discernimentos, nos quais há sempre algo que morre e algo que ressuscita. Ao lado de Jesus vai-se purificando nossa interioridade de tudo o que é enganoso. Na contemplação de sua pessoa iluminar-se-á toda a vida e todo dom novo seu que nos oferece, e ao executar este dom com ele, nos uniremos no trabalho e na luta para realizá-lo e celebrá-lo com um cântico novo (Sal 96,1) que nunca foi estreado.

Todos: *Escuta a voz do teu Deus, está chamando; ...*

O papa Francisco, nos diz "Sem dúvida não há maior liberdade que a de deixar-se guiar pelo Espírito, renunciando ao desejo de calcular e controlar tudo e permitindo que o Espírito Santo nos ilumine, nos guie, nos dirija e nos leve aonde quer. Ele sabe bem aquilo que necessitamos em cada época e em cada momento. Isto se chama ser misteriosamente frutífero!" (EG 280).

Todos: *Escuta a voz do teu Deus, está chamando; ...*

SILÊNCIO

Tempo para partilhar nossa oração.

PAI NOSSO

SALVE REGINA

